

CONTOS DE LIMA BARRETO

*SHORT STORIES BY
LIMA BARRETO*



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS

Reitor / *Rector*
PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade
General Coordinator of the University
FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial / *Editorial Board*

Presidente / *President*
EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES
IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

CONTOS DE LIMA BARRETO

*SHORT STORIES BY
LIMA BARRETO*

PORTUGUÊS / INGLÊS
PORTUGUESE / ENGLISH

INTRODUÇÃO / *INTRODUCTION*
DANIELA BIRMAN

EDITORIA
UNICAMP

B275c Barreto, Lima, 1881-1922.
Contos de Lima Barreto = *Short stories by* Lima Barreto / Lima Barreto ; introdução: Daniela Birman ; tradutor: Ian Reade. – 2. ed. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2026.

Edição bilingue: português e inglês.

1. Barreto, Lima, 1881-1922. 2. Literatura brasileira. 3. Contos brasileiros. 4. Ficção brasileira. 5. Século XX. I. Birman, Daniela, 1974-. II. Reade, Ian. III. Título.

CDD - B869.934
- B869.9
- B869.35

ISBN 978-85-268-1910-8

Copyright © Introdução / *Introduction* by Daniela Birman
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

1ª edição, 2020 / *1st edition, 2020*

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

The opinions, hypotheses, conclusions, and recommendations expressed in this work are the sole responsibility of the authors and do not necessarily reflect the views of Unicamp Press.

Direitos reservados e protegidos pela Lei Brasileira nº 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

All rights reserved and protected under the Brazilian Law no. 9.610 of February 19th, 1998. Total or partial reproduction is prohibited without written authorization from the copyright holders.

Depósito legal na Biblioteca Nacional.
A catalogue record for this book is available from the National Library (Brazil).

Todos os direitos reservados / *All rights reserved*
Editora da Unicamp / *Unicamp Press*
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



SUMÁRIO

CONTENTS

Introdução / <i>Introduction</i> – Daniela Birman	
Lima Barreto: críticas e ironia sobre a modernidade à brasileira	8
<i>Lima Barreto: an ironic critique of Brazilian modernity ...</i>	9
A nova Califórnia	46
<i>The new California.....</i>	47
O homem que sabia javanês.....	72
<i>The man who knew javanese</i>	73
Três gênios da secretaria.....	98
<i>The three departmental geniuses</i>	99
O pecado.....	110
<i>The sin.....</i>	111
Um especialista	116
<i>A specialist.....</i>	117
Como o “homem” chegou.....	142
<i>How the “man” arrived</i>	143

INTRODUÇÃO

LIMA BARRETO: CRÍTICAS E IRONIA SOBRE A MODERNIDADE À BRASILEIRA

Daniela Birman

Desde os anos 50 do século passado, o escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) tem passado por um constante processo de reconhecimento que inclui: a descoberta de novas facetas na sua literatura; a recuperação e o lançamento de pelo menos uma dezena de volumes de sua autoria, reunindo tanto manuscritos inéditos como parte significativa da sua obra, até então publicada apenas na imprensa; o acesso a mais de duas centenas de crônicas, contos e outros textos, nunca publicados em livro ou mesmo inteiramente inéditos, além do aparecimento de duas biografias sobre o autor.¹ Esse processo culmina com uma canonização que, mais do que torná-lo leitura obrigatória, identifica sua atualidade e sua relevância para a cultura brasileira.

Na pequena amostra da obra de Lima Barreto aqui reunida, composta por seis contos, buscamos apresentar parte das particularidades que fazem com que ele seja apontado hoje como modernista pioneiro no Brasil, precursor de uma literatura negro-brasileira, escritor fundamental para a compreensão da chamada

INTRODUCTION

LIMA BARRETO: AN IRONIC CRITIQUE OF BRAZILIAN MODERNITY

Daniela Birman

Since the 1950s, the writer from Rio de Janeiro, Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), has been undergoing a process of growing recognition, including: a discovery of new facets to his literature; the revision and launching of at least some ten volumes of his writing, not only with unpublished manuscripts, but also with a significant part of his whole work, only previously published in the press; access to more than two hundred chronicles, stories and other texts, never previously published in a book or even entirely new works, alongside the appearance of two biographies of the author.¹ This process has culminated in a canonisation which, more than making him compulsory reading, identifies his modernity and relevance to contemporary Brazilian culture.

In the small selection of Lima Barreto's work in this collection of six stories, we are seeking to present part of the particular characteristics which today should make this writer a candidate for the title of modernist pioneer in Brazil. His work was a precursor to a black Brazilian literature and he was a writer fundamental to an understanding of the so-called Cariocan *belle époque*

belle époque carioca e crítico dos mais contundentes da nossa sociedade – sobretudo em relação ao caráter incompleto da abolição da escravatura e dos aspectos excludentes da Primeira República.

Iniciamos o volume com o conto satírico “A nova Califórnia”, um dos mais conhecidos do autor. Escrito em 1910 e publicado originalmente no apêndice da primeira edição do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), ele já foi adaptado para o cinema, para a telenovela e até mesmo para um jogo de *videogame*.² Marcas e armas frequentemente empregadas pelo escritor em suas críticas sociais, a ironia, o exagero e o sarcasmo atravessam a narrativa, mostrando a hipocrisia, as superstições e a mudança repentina de valores na população de uma pequena cidade diante da possibilidade de enriquecimento fácil.

Já no título do conto o autor faz menção à corrida do ouro de meados do século XIX, na Califórnia.³ Na história de Lima Barreto, contudo, a aventura em busca do metal precioso se passa na pequena Tubiacanga, de modo que seus personagens, vícios e valores, não resta dúvida, são brasileiros com certeza.

Essa cidade tão “pacífica”, tal como descrita pelo narrador, terá seu destino alterado após a passagem de Raimundo Flamel por suas ruas. Ao se mudar para o vilarejo, o misterioso personagem desperta a curiosidade da população e, aos poucos, a admiração e o respeito. Isso porque todos passam a acreditar que se trata de um “sábio” químico. A crítica à mistificação da ciência já desponta, portanto, aqui. Mas ela será somada ainda a outros valores, outras superstições e outras práticas da nova e já tão velha República.

De fato, o único a implicar com Flamel não o fará por astúcia, mas por despeito, já que o novo

and also one of the most severe critics of our society, mainly in relation to the incomplete nature of the abolition of slavery and the aspects of social exclusion which marked the First Republic.

We begin the volume with the satirical “The New California”, which is one of the author’s best known stories. Written in 1910 and originally published as an appendix to the first edition of the novel *The Sad End of Policarpo Quaresma* (1915), it has already been adapted for the cinema, as a soap opera and even as a video game.² Characteristics of and weapons used by the writer in his social critique – irony, exaggeration and sarcasm – criss-cross the narrative, displaying the hypocrisy, the superstitions and the abrupt change in values of a small city faced with the prospect of acquiring easy money.

In its title, the writer makes his first mention of the Californian Gold Rush in the middle of the 19th Century.³ In Lima Barreto’s story however, the search for the precious metal is set in the small town of Tubiacanga, which leaves the reader in no doubt that the characters, their flaws and their values are most assuredly Brazilian.

This “peaceful” town, as it is described by the narrator, will have its destiny altered by the appearance on its streets of one, Raimundo Flamel. After moving to the tiny settlement, the mysterious character awakens the curiosity of the population and, gradually earns their admiration and respect. This is because everyone comes to believe that they are dealing with an “expert” chemist. The critique of Scientism is readily visible here, and extends to other values, other superstitions and other practices of the new, and yet already old, Republic.

In fact, the the only person to suspect Flamel acts not out of wit, but out of malice, and this is because

morador de Tubiacanga teria passado a disputar com ele a fama de “sábio”. Trata-se do gramático “capitão Pelino”. Ao recriar esse personagem e seu ciúme do deslumbramento provocado por Flamel no vilarejo, Lima Barreto ataca o culto à gramática, o academicismo e a prática de distinção social implicada na deferência aos “doutores”. De modo menos direto, ele critica ainda a literatura rebuscada e vazia praticada na *belle époque* carioca.

Vigilante das normas e da pureza do vernáculo, Pelino agia como um verdadeiro policial, controlando a fala dos outros: “Toda a vila de Tubiacanga acostumou-se a respeitar o solene Pelino, que corrigia e emendava as maiores glórias nacionais. Um sábio...”. Ao compor seu retrato, Lima Barreto justapõe de forma cômica seus hábitos de leitura – gramáticas e dicionários! – a seus costumes vaidosos, mostrando como se situam no mesmo patamar: o da superficialidade e da forma desprovida de conteúdo. Assim, ao entardecer, Pelino sai de casa “depois de ler um pouco o Sotero, o Cândido de Figueiredo ou o Castro Lopes, e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos”, conta o narrador de “A nova Califórnia”.

Vale lembrar que a escolha dos nomes de Pelino e Raimundo Flamel fazem alusão a figuras então conhecidas no Brasil, no primeiro caso, e no mundo, no segundo. Ao que tudo indica, o nome do “capitão” constitui uma referência a Pelino Guedes (1858-1919), poeta, biógrafo e funcionário público que, ao ocupar o cargo de diretor-geral da Diretoria de Justiça, fez uma série de exigências ao processo de aposentadoria do pai do escritor, segundo nos conta seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa. Assim, convencido de

Tubiacanga's latest resident is disputing his renown as a fellow "man of learning". This is the grammarian "Captain Pelino". In creating this character and his jealousy of the fascination provoked by Flamel in the small town, Lima Barreto is attacking the cult of the grammarians, academia in general and the social distinction implied in the public deference to those referred to as "doctors". In a less direct fashion, he is also critiquing the empty purple prose so popular during the Cariocan *belle époque*.

Attentive to the norms and the purity of the vernacular, Pelino acts like a real policeman, controlling the speech of others: "The whole town of Tubiacanga was used to respecting the solemn Pelino, who corrected and amended the greatest national figures. A man of learning...". In the composition of this portrait, Lima Barreto juxtaposes, in a comic way Pelino's reading habits – which only consists of books on grammar and dictionaries! – with his vanity, showing that they are to be found on the same level of superficiality and are devoid of all content. Thus, writes the narrator of "The New California" that, as it is getting late, Pelino leaves home, "after having read a little of Sotero, Cândido de Figueiredo or of Castro Lopes and having applied dye once more to his hair".

It is worth remembering that the choice of the names of Pelino and Raimundo Flamel is an allusion to figures then well known in Brazil, in the first instance, and throughout the whole world, in the second. All indications are that the name of the "Captain" refers to Pelino Guedes (1858-1919), poet, biographer and civil servant who was employed as the Director General of the Ministry of Justice, and who made a series of unnecessary demands in the retirement process of the writer's father, according the accounts of his biographer, Francisco de

que tais obstáculos foram criados propositadamente, atrasando o processo e dificultando a vida da família, Lima Barreto passaria a enxergar nele um verdadeiro inimigo, tornando-o alvo frequente de seus ataques às instituições sociais da época.

De fato, Pelino Guedes aparecerá em várias outras obras do escritor. Ele surgirá, por exemplo, como o funcionário Xisto Beldroegas, da Secretaria dos Cultos – no romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) –, que, cego e obstinado por leis e decretos, os entendia como inteiramente desligados da vida social e, claro, como inimigos do cidadão. Eis, pois, alguns dos pontos centrais nesse embate do escritor com “doutores”, escritores formalistas e altos funcionários públicos: a separação entre a administração pública e o conhecimento mínimo da vida na cidade e das dificuldades de seus moradores; entre a erudição e a experiência; entre a literatura e a língua falada; entre a escrita e o grande público.

Já ao nomear o forasteiro misterioso de seu conto de Raimundo Flamel, Lima faria menção a Nicolas Flamel. Escrivão público, copista e vendedor de livros francês do século XIV, Flamel ganhou a fama de alquimista com a circulação do mito de que teria descoberto a fórmula da pedra filosofal, que permitiria a transmutação de metais em ouro. E se no conto de Lima a população “pacífica” de Tubiacanga não hesita em saquear o cemitério da cidade, em busca de enriquecimento, o “alquimista” Flamel também teve sua casa saqueada após a morte, invadida por pessoas atraídas pela cobiça de ouro e dinheiro.

Assis Barbosa. Suitably convinced that these obstacles had been placed deliberately, needlessly delaying the process and complicating family life, Lima Barreto saw Guedes as a real enemy, and made him the frequent target of his attacks on the social institutions of the time.

In fact, Pelino Guedes appeared in various other works by the author. For example, he appears as the clerk, Xisto Beldroegas in Department for Religious Cults – in the novel *The Life and Death of M. J. Gonzaga de Sá* (1919) –, who, made blind and obstinate by laws and decrees, understood them as entirely disconnected from social life and, of course, as enemies of the citizen. These are therefore some of the central points in the battle between the writer and the “doctors”, the formalist writers and high level public servants: the separation between the public administration and the minimum amount of knowledge of the life of the city and the difficulties of the people that inhabit it; between erudition and experience; between literature and the spoken language; between writing and the wider public.

In naming the mysterious stranger in his story Raimundo Flamel, Lima is alluding to Nicolas Flamel. Public notary, transcriber of texts and dealer in French literature from the 14th Century, Flamel became famous as an alchemist thanks to the circulation of the myth that he had discovered the formula of the Philosopher’s Stone, which would allow him to transmute metals into gold. In this story by Lima, the “peaceful” population of Tubiacanga does not hesitate to pillage the town cemetery in its search for wealth, just as, in reality, the “alchemist” Flamel had his house ransacked after his death, when it was broken into by those attracted by the prospect of finding gold and money.

Evidentemente, não é apenas na elaboração caricatural ou na referência irônica a “doutores”, “gramáticos”, escritores parnasianos e funcionários desvinculados da realidade social que Lima Barreto exerce sua militância literária, política e social. Como sabemos, diferentemente dos defensores do uso do português castiço, o escritor escolheu banhar sua literatura na língua falada no Brasil, em estilo simples, claro e antiacadêmico, contrastante com a literatura e a retórica dominantes de então. Dessa maneira, no lugar da cultura livresca e da linguagem considerada correta e “pura”, ele privilegia a comunicação com o grande público, a simplicidade e, por vezes, mesmo a linguagem descuidada. Nesse contexto, com frequência opta pela publicação em revistas populares, de circulação nacional, e pelo uso de recursos capazes de atrair um imenso número de leitores, como a sátira, a caricatura e o cômico, exemplificados neste “A nova Califórnia” e em outros contos aqui reunidos.⁴

Se, por um lado, a escolha por uma escrita vinculada ao registro coloquial, à oralidade e à dicção do português tal como falado no Brasil faz com que consideremos Lima Barreto hoje um dos precursores do modernismo no Brasil,⁵ por outro, ela também é responsável por uma série de críticas negativas – e isso mesmo em obras bem recebidas na imprensa. Com efeito, conforme lembra Assis Barbosa, apesar de Lima ter sido celebrado com o lançamento de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) em livro, não faltaram menções na ocasião à “prosa bárbara” do escritor, como aquelas feitas por Osório Duque-Estrada, “espécie de polícia da gramática”.⁶ Contudo, de acordo com o biógrafo, não apenas os desvios e

It is evidently not just in the characterisations or the ironic references to “doctors”, “grammarians”, Parnassian writers and public servants disconnected from social reality that Lima Barreto exercises his literary, political and social militance. As we know, in comparison to defenders of the use of pure Portuguese, the writer chose to soak his writing in the language spoken by Brazilians, in a simple, clear, non-academic style in contrast to the dominant literary and rhetorical tradition of the time. In this fashion, in place of the bookish culture and the language considered correct and “pure”, he prioritises communication with a wider public, simplicity and even sometimes, using slapdash language. In this context, he frequently chose to be published in popular magazines with a national circulation and to use resources which are capable of attracting an immense number of readers, such as satire, caricature and the comic, as exemplified in “The New California” and other stories in this collection.⁴

If, on the one hand, the choice of creating a kind of literature linked to the colloquial register, to the oral tradition and the diction of the kind of Portuguese spoken in Brazil makes us consider Lima Barreto today as one of the precursors to Brazilian modernism,⁵ on the other hand, this choice is also responsible for a series of negative critiques – all contained in works well-received by the press. This had consequences, as Assis Barbosa remembers: although Lima was celebrated for the launching of *The Sad End of Policarpo Quaresma* (1915) as a book, there was no lack of mentions at the time of the “barbaric prose” of the writer such as those made by Osório Duque-Estrada, who was “a kind of grammar policeman”.⁶ However, according to the biographer, it is not only the deviations and the errors that influenced the

erros interferiram na crítica, como também as formas de experimentar e enxergar o mundo do escritor. “Ora, Lima Barreto havia decidido romper com o figurino dos donos da literatura. Era diferente. O seu estilo simples, direto e objetivo nada tem a ver com a pompa, o floreio, o brilho da retórica usual. É ele o anticonvencional”.⁷

“O homem que sabia javanês”, outro célebre conto do escritor, faz parte da mesma excelente safra que “A nova Califórnia”. Lançado originalmente na *Gazeta da Tarde* (1911), ele foi escrito na mesma época de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) e do relato sobre o “alquimista” Raimundo Flamel. De fato, essas três obras de mestre foram redigidas no curto intervalo entre novembro de 1910 e abril de 1911, fase em que o escritor, segundo Assis Barbosa, teria chegado ao ápice de sua carreira.

Ao recriar o protagonista Castelo, o tal “homem que sabia javanês”, Lima continua a atacar em tom satírico as instituições sociais, culturais e políticas da sua época. Castelo é, pois, um verdadeiro golpista, figura que, para sobreviver, já passou por adivinho, feiticeiro e professor de javanês. E será graças a sua habilidade para trapacear, autopromover-se e circular em um mundo regido pelas aparências e pela troca de favores que ele alcançará considerável ascensão social, chegando a ser nomeado cônsul. Ao longo desse processo, será contratado como professor de javanês sem saber o idioma, representará o Brasil em um congresso de Linguística na Europa e assinará um artigo sobre “a literatura javanesa antiga e moderna”. E quem nos conta essa história é o próprio Castelo, numa conversa regada a cerveja com seu amigo Castro, numa confeitaria do Rio de Janeiro. Sua trajetória, assim, não é levada a sério nem por ele, que

critique, but also the forms of experimentation and the writer's way of looking at the world. "Listen, Lima Barreto decided to break with literary custom. He was different. His simple style, which was direct and objective, had no connection with the pomp, the floweriness and the shine of the usual rhetoric. He was anti-conventional.⁷

"The Man Who Knew Javanese", another celebrated story by the writer, is from the same excellent crop as "The New California". Originally featured in the *Gazeta da Tarde* (1911), it was written in the same period as *The Sad End of Policarpo Quaresma* (1915) and the story about the "alchemist" Raimundo Flamel. In fact, these three masterpieces were reworked in the short interval between November 1910 and April 1911, the phase in which the writer, according to Assis Barbosa, had reached the peak of his career.

In creating the protagonist, Castelo, the "man who knew Javanese", Lima continued to satirically attack the social, cultural and political institutions of the period. Castelo is a real con artist who, in order to survive, pretends to be a fortune teller, a magician and teacher of Javanese. And it will be thanks to his ability to deceive, to promote himself and operate in a world ruled by appearances and by the exchange of favours that he will reach considerable social heights, even reaching the point of being named Consul. During this process, he will be hired as teacher of Javanese without even knowing the language, to represent Brazil at a Linguistic Congress in Europe and will contribute to an article on "ancient and modern Javanese literature". And the person telling the story is Castelo himself, in a conversation with his friend Castro which is refreshed by beer, in a bakery in Rio de Janeiro. His trajectory is thus not taken seriously by anyone, much less himself, and he

a compartilha para divertir o amigo em tom de pilhéria – “[...] contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver”, diz logo no início do conto.

Ampliando o tema da narrativa de Lima Barreto, podemos imaginar que Castelo e outros personagens similares do Rio de Janeiro da *belle époque* buscavam sobreviver a todo custo. Com efeito, fugindo dos credores e pulando de casa de pensão em casa de pensão, Castelo, apesar de ter um título universitário, vivia em condições realmente precárias. Podemos supor que era, pois, um dos muitos indivíduos que enfrentavam as barreiras de ascensão social que não tinham se movido com a passagem da Monarquia para a República no Brasil. A nova ordem, como sabemos, não entregou a prometida igualdade de direitos e de oportunidades.⁸

No entanto, apesar das limitações da mudança de regime, os símbolos e valores ligados às instituições liberais ganhavam prestígio, tornando-se por vezes até mesmo objetos de mistificação e culto. E é justamente por meio de um falso saber, ancorado nas aparências, que ele consegue dar o golpe que lhe permite alcançar a desejada mobilidade social e econômica. Naquele contexto de muita concorrência e poucas oportunidades, Castelo precisa, porém, do empurrão e da proteção de um poderoso para conseguir se inserir no quadro de funcionários do Estado. E enfrenta ainda um “agravante”: ao que tudo indica, ele era mestiço, o que certamente multiplicava os obstáculos. Habilmente, contudo, ele faz uso dessa aparência para se passar por descendente de javanês: “Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio...”.